



CHARMED: MULHERES, BRUXAS E... FEMINISTAS?

Isabelle Rodrigues de Mattos Costaⁱ

RESUMO – A figura da bruxa é frequentemente utilizada como uma metáfora para a mulher assertiva e, portanto, um símbolo adotado pelas feministas. Desse modo, não parece incoerente esperar que programas de televisão que protagonizam bruxas, como *Charmed*, as representem como mulheres poderosas que não se submetem a homem nenhum, de modo que o objetivo deste trabalho é investigar de que maneira o discurso feminista está presente na série em questão.

PALAVRAS-CHAVE- *Charmed*, série, bruxaria, feminismo.

ABSTRACT – The witch figure usually appears as a metaphor for the empowered woman and therefore a symbol adopted by feminists. So it is no surprise that TV series with witches as protagonists, like *Charmed*, picture them as powerful women who do not submit to men. Therefore the purpose of this work is to analyze in what way the feminist discourse is present in the *Charmed* series.

KEYWORDS – *Charmed*, TV series, witchcraft, feminism.



Introdução

A série *Charmed*, que esteve no ar entre 1998 e 2006, conta a estória das Encantadas: bruxas que combatiam o mal com seus superpoderes ao mesmo tempo em que tentavam levar vidas normais, trabalhando e namorando como qualquer outra mulher. Há séculos as mulheres da família Halliwell nascem bruxas e usam seus poderes mágicos para proteger inocentes e combater o mal, geralmente na forma de *warlocks* (bruxos das trevas que tentam roubar os poderes de bruxas boas) e demônios. Cada geração das Halliwell se mostrava mais poderosa que a anterior, culminando na chegada das Encantadas: três irmãs que seriam as bruxas mais poderosas do mundo.

Prue, Piper e Phoebe são essas irmãs, porém não faziam ideia de que eram bruxas, pois sua avó havia removido seus poderes quando ainda eram crianças. Assim, quando se reúnem após a morte da avó, recebem seus poderes mágicos e devem aprender o que é ser uma bruxa: mulheres com superpoderes que não precisam ser salvas por homem nenhum: elas é que resgatam seus interesses amorosos e ainda salvam o mundo. Parecem bem feministas, mas será que é realmente assim?

Feminismo e charmed

Bruxas são mulheres poderosas, figuras assertivas que se opõem à imagem da mulher como algo passivo. Ao contrário da princesa que espera um homem vir resgatá-la, a bruxa pratica a ação em vez de sofrê-la – lançar feitiços e preparar poções são maneiras de agir sobre o mundo, modificando a realidade à sua volta de acordo com a sua vontade. Desse modo a bruxa é uma mulher assertiva, uma mulher que se rebela contra os grilhões da ordem patriarcal, recusando-se a ser um mero objeto que sofre a ação dos homens.

De acordo com Joanne Hollows, o movimento feminista busca explicar e modificar a relação de poder entre homens e mulheres (2000), sendo tradicionalmente dividido em três momentos: a primeira fase, marcada pelo sufrágio, que ocorreu nos séculos XVIII e XIX; a segunda fase, que abarca as décadas de 60, 70 e 80, e a terceira fase, também chamada de pós-feminismo, que compreende a época contemporânea.



Entre as reivindicações das feministas da segunda fase estavam a igualdade no acesso à educação e ao mercado de trabalho, igualdade de salários entre homens e mulheres e independência legal e econômica. A questão da liberdade sexual e a possibilidade de as mulheres usarem métodos contraceptivos ou mesmo terem acesso ao aborto também foram importantes reivindicações desse momento.

Alguns teóricos, como Diane Purkiss e Kimberly Wells, identificam similaridades entre a caça às bruxas e o movimento feminista, pois ambos denotam alguma forma de opressão ao sexo feminino. A bruxa, contudo, não se assemelha à feminista apenas por ser oprimida, mas principalmente pelo seu desejo de equiparar-se ao homem, por se rebelar contra a opressão e exigir seus direitos. Desse modo, a bruxa se mostra um símbolo forte para o movimento feminista: “Characteristically, women writers have seen in the witch a figure of all that women could be were it not for patriarchy [...] To be recognized as a witch is to be recognized as free and independent”¹ (PURKISS, 2010, p. 22). Para Wells (2002), é notável

how strongly connected the concept of independent woman and our modern concept of witch has been ever since. Both feminist and witch are scapegoated as evil, with evil meaning those who endanger society’s family values and therefore who must be punished for exercising powers that patriarchy defines as more rightly belonging to men: independence, outspoken belief in oneself, sexual freedom, education, and choice in occupation. Both groups are women who struggle with patriarchy and power.² (p.7).

Assim sendo, não surpreende que as feministas sejam atraídas pela figura da bruxa que, popularmente, é representada como uma mulher que transgride as normas sociais e ameaça causar mudanças no sistema, que é justamente o que as feministas desejavam. Desse modo, a

¹ Todas as traduções deste trabalho são de minha autoria. O trecho correspondente na tradução é: “Caracteristicamente, mulheres autoras identificaram a bruxa como um exemplo de tudo aquilo que as mulheres poderiam ser se não existisse a ordem patriarcal [...] Ser reconhecida como uma bruxa é o mesmo que ser reconhecida como livre e independente.”

² “Nosso conceito moderno de bruxa foi fortemente ligado ao conceito da mulher independente desde então. Tanto a feminista quanto a bruxa são bodes expiatórios para o mal que ameaça valores familiares e, portanto, deviam ser punidas por exercerem poderes que a ordem patriarcal define como pertencentes ao homem: independência, autoestima declarada, liberdade sexual, educação, e liberdade de escolher sua ocupação. Ambas categorias compreendem mulheres que lutam contra a ordem patriarcal e o poder.”



figura da bruxa é essencialmente ligada ao feminismo, pois se refere à figura da mulher empoderada: a bruxa transgride convenções ao mostrar comportamentos considerados inadequados e reclamar para si poderes que não deveria possuir. Se para a sociedade ela deveria se mostrar submissa, através da magia ela consegue impor-se como figura dominante, e a magia lhe concede a oportunidade de realizar feitos impossíveis para outras mulheres.

Historicamente falando, muitas mulheres acusadas de bruxaria entre os séculos XV e XIX possuíam uma personalidade considerada conturbada: falavam palavrão, questionavam os outros e defendiam sua opinião, fosse discutindo com o marido ou com autoridades; enfim, eram mulheres de personalidade forte, que não se sujeitavam ao papel submisso que se esperava delas (KARLSEN, 1998). Assim, muitas dessas mulheres hoje em dia poderiam ser consideradas feministas, pois procuravam contestar a ordem patriarcal e “usurpar” privilégios até então masculinos, buscando a igualdade de direitos entre os sexos.

Partindo do preceito que o sexo feminino era subjugado pelo masculino, muitas dessas feministas consideravam “femininity as inferior to masculinity: that is, that equality between men and women might be achieved if women rejected feminine values and behaviour in favour of masculine values and behavior”³ (HOLLOWS, 2000, p. 10). Assim, para algumas das feministas da segunda fase, as mulheres deveriam rejeitar suas características femininas (como se depilar, se maquiar, etc.) rejeitando as marcas de beleza impostas pela sociedade sobre seu gênero – coisa que as protagonistas de *Charmed* jamais fariam, pois, pelo contrário, fazem questão de realçar sua feminilidade com muita maquiagem e roupas justas e decotadas.

As protagonistas de *Charmed* sem dúvida aparentam ser mulheres fortes e independentes, mas se às vezes parecem alinhadas aos objetivos da segunda fase do feminismo, às vezes parecem ir contra eles. Na era do pós-feminismo, não se segue mais à risca o que era pregado na segunda fase, contestando-se preceitos como “por que a mulher deve trabalhar fora em vez de ficar em casa?” e “por que não pode se contentar com (ou mesmo almejar) os papéis de esposa e mãe?”. O ponto-chave aqui parece ser: se a mulher conquistou o direito de usar sua

³ “feminilidade inferior à masculinidade : isto é, que a igualdade entre homens e mulheres poderia ser alcançada se as mulheres rejeitassem valores e comportamentos femininos em detrimento a valores e comportamentos masculinos.”



própria voz, por que ela não pode escolher a vida de dona de casa em vez de perseguir uma carreira?

Desde o início da série as irmãs Halliwell se mostraram divididas entre aceitar ou rejeitar seu poder mágico. Nos primeiros episódios, Phoebe é a única que parece satisfeita com o fato de ter se tornado uma bruxa, enquanto suas irmãs mostram-se ressentidas de terem recebido poderes mágicos. Contudo, Phoebe, que nas primeiras temporadas ainda se mostrava muito imatura e inconsequente, ao longo da série também passa a questionar se realmente deseja ser uma bruxa: dúvida que persiste nas irmãs durante todas as oito temporadas, havendo momentos em que elas chegam a abdicar seus poderes, embora acabem mudando de ideia e os recuperem em seguida. Por sua vez, a irmã que mais se mostra revoltada por ser bruxa é Piper, que sente falta dos amigos e da vida social que possuía, além de achar que a magia está atrapalhando seus planos de formar uma família tradicional – com marido e filhos.

Prue, por sua vez, apesar de se ressentir a princípio, com o passar do tempo parece abraçar sua natureza mágica, e desenvolve suas habilidades de tal maneira que as irmãs a consideram a Encantada mais poderosa – entre as três, Prue possui o poder mais ativo, que é mover objetos, enquanto os poderes iniciais das outras é de natureza mais passiva (Piper congela o tempo e Phoebe tem premonições). Posteriormente, quando a personagem Prue morre, uma quarta Encantada surge – Paige, uma meia irmã que fora dada para adoção – sendo que o poder de Paige “substitui” o de Prue, pois ela também é capaz de mover objetos⁴.

É Prue quem altera o *modus operandi* das Encantadas, que até então era viver as suas vidas da maneira mais normal possível até que um inimigo aparecesse para ameaçá-las e, reagindo ao ataque, elas o derrotavam. Em vez de ficar em casa passivamente esperando que os demônios batessem à porta, Prue começa a procura-los, rastreando sua localização e saindo para “caçar”. Talvez seja por possuir o poder mais ativo que Prue se torna uma bruxa mais ativa em comparação às irmãs, que só vão se mostrar mais ativas nas próximas temporadas, conforme elas mesmas adquirem poderes mais ativos – Piper passa a explodir seres e objetos, enquanto Phoebe aprende a levitar. Refletindo sobre a bruxaria em termos de feminismo, não podemos

⁴ Apesar de ambas moverem objetos, cada uma tem sua maneira única de fazê-lo: Paige “orbita” pessoas e objetos, realizando uma espécie de teletransporte em vez de simplesmente movê-los no espaço, como fazia Prue.



deixar de notar essa questão de atividade/passividade: as irmãs Haliwell, que até então eram mulheres normais, tornam-se mais ativas após receberem poderes mágicos, tornando-se cada vez mais ativas e poderosas conforme desenvolvem suas habilidades mágicas.

Eles contra elas

Se a bruxa é uma metáfora para a mulher assertiva e, portanto, um símbolo adotado pelas feministas, então não parece incoerente esperar que as bruxas de *Charmed* mostrassem-se como mulheres poderosas, pois o poder mágico metaforiza o poder político adquirido pela mulher, e que não se submetessem a homem nenhum. Mas o discurso feminista presente em *Charmed* não é de todo coerente, pois no programa também se faz presente o discurso patriarcal, sintetizado nos Anciões: grupo de homens pertencentes a uma ordem superior que comandam as bruxas. São eles que ditam as regras e interferem diretamente na vida das bruxas, designando um *whitelighter* às bruxas⁵, orientando como devem enfrentar seus inimigos e ainda proibindo ou permitindo o relacionamento entre um *whitelighter* e uma bruxa. Enfim, é como se fossem os políticos que comandam o mundo mágico – mas isso não significa que elas baixassem a cabeça e se submetessem ao seu controle. As Encantadas repetidamente contestam a sabedoria dos Anciões e os desobedecem, rebelando-se contra a ordem patriarcal.

A revolta das bruxas contra a ordem patriarcal também transparece no seu combate diário contra bruxos e demônios – que em sua maioria são do sexo masculino – e contra os líderes do submundo: a Fonte e a Tríade, grandes figuras de poder que no programa são sempre do sexo masculino. Em vez de simplesmente matá-las, esses inimigos muitas vezes buscavam roubar o poder mágico das irmãs – ora, se uma bruxa é uma mulher poderosa, que age sobre o mundo em vez de permanecer passiva, extrair seu poder mágico é algo que a neutraliza, devolvendo essa mulher à condição passiva que a sociedade patriarcal demanda.

Mas se os demônios simbolizam o poder patriarcal tentando subjugar as mulheres poderosas, cada vez que as Halliwell derrotam um inimigo, elas mostram que não baixam a cabeça para o patriarcalismo – mas isso se revela uma luta infrutífera, pois não importa as

⁵ Um *whitelighter* age como um anjo da guarda de uma bruxa: ele a aconselha, a protege e a cura quando ela está ferida, ajudando-a a cumprir seu propósito de combater o mal.



centenas de inimigos derrotados, os demônios continuam vindo atacá-las um atrás do outro, mostrando que o discurso patriarcal é contínuo, impossível de ser totalmente abolido apesar de todos os direitos conquistados pelas mulheres.

Vida profissional e vida amorosa

As Encantadas sempre sentiram que deviam se livrar da magia para conseguirem ser felizes, como se poder e felicidade fossem impossíveis de se conciliar na figura feminina. A ideia de que uma mulher bem-sucedida profissionalmente geralmente é solteira e sem filhos, como se tivesse aberto mão de ter uma família para conseguir construir sua carreira, parece estar – mesmo que discretamente – presente em *Charmed*, mas não é a carreira profissional que se mostra o principal empecilho para a vida amorosa dessas bruxas, mas sim seus poderes mágicos. Em outras palavras, para a mulher ser feliz, ela não pode ser poderosa (seja do ponto de vista mágico ou profissional), pois sua única chance de conquistar a felicidade parece ser no papel de esposa e mãe.

Todas as quatro irmãs namoravam bastante, e não era difícil arranjar um homem que as convidasse para sair. O problema era passar do estágio de flerte casual para um relacionamento sério, pois seus compromissos de bruxa as obrigavam a sair repentinamente em caso de uma “emergência familiar” (código para o ataque de um inimigo). Era também devido a essas emergências que as irmãs tinham dificuldade de conciliar suas vidas a um emprego tradicional, o que ressalta a relação entre poder financeiro e poder mágico, pois qualquer um desses poderes se mostrava um obstáculo para a mulher que desejasse construir um relacionamento estável para casar e ter filhos.

Mas por que essas bruxas sentiam essa necessidade urgente de buscar um par romântico? Prue, após perder seu namorado Andy, sai com vários homens que de fato não a interessam, como se tentasse apenas seguir as convenções sociais ao invés de abraçar a vida de mulher solteira, independente e autossuficiente, sem necessidade de homem algum:

PIPER: Where are you off to?

PRUE: Lunch date with Dick.

PHOBE: Dull Dick? Prue, you are too hot to have to duty date.



REVISTA *LUMEN ET VIRTUS*

VOL. VIII N° 20

DEZEMBRO / 2017

ISSN 2177-2789

PRUE: Yeah, well, all demon-hunting and no play has made me a lot less picky. I gotta figure out a way to put some more balance in my life.

PIPER: Yeah, but you don't need Dick. [risos significativos⁶] What I mean is, you should be excited to see the guy you're dating. You look like you're off to the Inquisition.⁷ (temporada 02, episódio 22).

Não é como se Prue estivesse agindo assim apenas para manter as aparências ou mesmo impressionar as pessoas a sua volta: ela de fato agia assim porque inconscientemente, sem saber por que, ela sentia que era assim que devia agir, pois as normas sociais estavam tão intrínsecas a ela que Prue sentia a necessidade de cumpri-las por si só, uma obrigação como tomar banho e escovar os dentes. Para ela, “dating is kind of a job, you know. I mean, you get numb, but you feel like it's your duty to stay out there.”⁸ (temporada 02 episódio 22). Suas prioridades não parecem nada feministas, pois, para ela, uma vida como solteira – ainda que bem-sucedida profissionalmente – lhe parece um pesadelo, como fica claro no episódio em que viajam para o futuro e Prue descobre que apesar de ter sucesso no trabalho, não possui um parceiro: “I have no one to say goodbye to. No life [...] If we die tonight my tombstone will read, ‘Here lies Prue. She worked hard’” (temporada 02 episódio 02)⁹.

É curioso notar que as irmãs que possuíam um emprego quando descobriram que eram bruxas eventualmente o largaram. Nas duas primeiras temporadas, Prue era uma *workaholic* que trabalhava mais de 40 horas por semana numa casa de leilões, da qual decide se demitir alegando que “a lot has happened to me in the past year and a half. I’ve seen... I’ve seen things that I

⁶ A palavra “dick” em inglês pode ser usada tanto como nome próprio como para se referir ao membro sexual masculino.

⁷ “PIPER: Aonde você vai?

PRUE: Almoçar com o Dick.

PHOBE: O Dick chato? Prue, você é bonita demais para ir a encontros por obrigação.

PRUE: É, bem, caçar tanto demônios e nenhum lazer me fizeram menos criteriosa. Preciso encontrar um jeito de ter mais equilíbrio em minha vida.

PIPER: É, mas você não precisa do Dick. [risos significativos] O que quero dizer é que você deveria estar animada para um encontro. Você parece que está indo para a Inquisição.”

⁸ “Ir a encontros é como um emprego, sabe. Você fica entorpecida, mas sente que é sua obrigação continuar saindo.”

⁹ “Não tenho ninguém para dizer adeus. Sem vida [...] Se morrermos hoje vão escrever na minha lápide ‘Aqui jaz Prue, ela trabalhou bastante’”.



REVISTA *LUMEN ET VIRTUS*

VOL. VIII N° 20

DEZEMBRO / 2017

ISSN 2177-2789

never imagined existed. And it's changed me. It's made me wanna make changes.”¹⁰ (temporada 02 episódio 12) Prue ficou um tempo desempregada até resolver comprar uma câmera e tentar ganhar a vida como fotógrafa, que era seu sonho quando era mais jovem. Piper, por sua vez, também trabalhava bastante num restaurante na primeira temporada, mas na segunda comprou uma boate, o que lhe permitiria maior flexibilidade para conciliar com seus compromissos mágicos. Paige abandonou o Serviço Social para se dedicar à bruxaria, preferindo aceitar eventuais bicos do que manter um emprego fixo.

Curiosamente, Phoebe fez o caminho inverso: ela não tinha um emprego fixo nas primeiras temporadas, e foi apenas na quarta temporada que passou a trabalhar em um jornal – emprego ideal para utilizar suas habilidades mágicas de empatia, que conquistou mais adiante. Isso nos revela que é quase impossível para uma bruxa conseguir manter sua vida profissional: o que vai contra os valores da segunda fase do feminismo, pois as mulheres almejavam trabalhar para terem sua independência financeira. Desse modo, sutilmente, as protagonistas revelam sua necessidade pós-feminista de rejeitar o ambiente profissional e regressar à domesticidade do lar. Nesse ponto, novamente, Piper é a mais extrema: ela é mãe e esposa, a responsável pela cozinha e pela ordem da casa, e justamente por isso é a personagem que melhor engloba o aspecto da domesticidade na série. Como afirma Catriona Miller, no livro *Investigating Charmed* (2007),

Right from the beginning of the series, witchcraft is seen to come between the sisters and their love lives and it seems as if a simple equation is at work –having power equals not having a boyfriend, husband or father of children – or at least the question of a relationship becomes exceptionally difficult and awkward. Being ‘normal’ seems to mean not having power, but having access to men¹¹ (MILLER, 2007, p.75).

¹⁰ “Aconteceu muita coisa comigo no último ano. Eu vi coisas que nem imaginava existir. E isso me mudou. Me fez querer mudar várias coisas.”

¹¹ “Desde o início da série, a magia se interpôs entre as irmãs e suas vidas amorosas, e parece que há uma simples equação regendo essas relações – ter poder é igual a não ter namorado, marido ou um pai para seus filhos – ou pelo menos a relação se torna extremamente difícil e desagradável. Ser ‘normal’ parece significar não ter poder, mas ter acesso a homens.



REVISTA *LUMEN ET VIRTUS*

VOL. VIII N° 20

DEZEMBRO / 2017

ISSN 2177-2789

De fato, para a série, parece impossível ter um “final feliz” sem um casamento tradicional – o que era essencial por exemplo nos romances de Jane Austen, mas que não deveria ser a prerrogativa da mulher contemporânea.

Os tradicionais desfechos que seguem a fórmula “casaram-se e viveram felizes para sempre”, presentes tanto em contos de fadas quanto em romances dos séculos 18 e 19, são tão antiquados que não parecem oferecer um desfecho satisfatório para o cenário atual. Do ponto de vista da crítica feminista, o casamento no desfecho de uma obra aponta para a submissão feminina, tendo em vista a antiga fórmula que premiava as mulheres com o casamento e os homens com o mundo, pois afinal, se a premiação para o desenvolvimento e aprendizado da mulher só poderia ser um homem, qualquer importância desta obra em termos de agência feminina automaticamente gerava um paradoxo.

A série termina com Phoebe e Paige, as duas irmãs solteiras, atando o nó com homens que conheceram justamente naquela temporada (como se os personagens tivessem sido criados especialmente para aquele fim) e tendo três filhos cada (número um tanto excessivo para os padrões atuais). Já Piper, a única irmã que já era casada, reúne-se com Leo, o marido que havia sido tantas vezes tomado dela – apesar de casados desde a terceira temporada, separaram-se várias vezes por vários motivos (Leo afastou-se para atuar como um Ancião, depois novamente quando seu segundo filho Chris nasceu, até finalmente ser congelado – única alternativa encontrada para evitar sua morte).

O papel de Piper então oscilou várias vezes entre esposa e mãe solteira, repetidamente reunindo-se e afastando-se do marido. Desse modo, ao receber Leo de volta como premiação após a última grande batalha da série, Piper tem seu casamento mais uma vez retomado – desta vez para sempre, pois permanecem juntos até envelhecerem, conforme mostrado no último episódio.

Certamente que, do ponto de vista da crítica feminista, o ideal não seria que todas as protagonistas terminassem se casando – afinal, uma mulher não pode ser “feliz para sempre” sem um marido e filhos? – de modo que *Charmed* peca, sim, em defender esse ponto de vista antiquado, no sentido de que um desfecho revolucionário e adequado às necessidades



contemporâneas não deveria obrigatoriamente posicionar a mulher como esposa ou mãe, mesmo que esse seja o desejo da personagem.

Esse final feliz em casamento reforça o discurso de que a mulher não pode ser feliz se não tiver marido e filhos, indo contra o que as feministas da segunda fase pregavam, mas não destoa completamente da realidade pós-feminista, segundo a qual a mulher é livre para escolher o estilo de vida que deseja.

Conclusão

O discurso da série *Charmed* se mostra várias vezes contraditório, expondo tanto o discurso feminista, visíveis na linhagem matrilinear das Halliwell e na própria condição empoderada das protagonistas, quanto o discurso patriarcal, presente nas figuras controladoras dos Whitelighters, dos Anciões e dos inimigos.

As Encantadas são ao mesmo tempo mulheres poderosas e limitadas, sendo incapazes de obter sucesso simultaneamente em suas carreiras e seus relacionamentos. As irmãs se vestem de maneira sexy e provocativa, mostrando-se alinhadas aos preceitos pós-feministas que ditam que uma mulher não precisa deixar de ser feminina, e são sexualmente ativas, não tendo vergonha de trocar de parceiro frequentemente ou mesmo dormir num primeiro encontro – para elas a revolução sexual é uma prerrogativa.

Contudo, ao mesmo tempo desejam ser levadas a sério e conquistar sucesso profissional, assim como as feministas da segunda fase. Contudo, não conseguem ser mulheres independentes, pois, apesar de seus poderes, necessitam ficar dentro de casa e na presença uma da outra - longe de casa, ficam vulneráveis, desse modo permanecendo dependentes da família e do lar, ficando, portanto, impossibilitadas de viverem suas vidas como mulheres completamente adultas e autônomas.

A série parece alinhar-se ao pós-feminismo, pois não aborda as clássicas questões feministas da segunda fase. Em vez disso, as protagonistas preocupam-se com suas vidas pessoais, algumas vezes preterindo suas carreiras em prol da busca do homem perfeito, e não abrindo mão de um guarda roupa nada destemido – celebrando o corpo feminino e a moda como símbolos pós-feministas. Em outras palavras, elas são sexualmente atraentes e resgatam



a domesticidade da mulher sem deixarem de ser feministas em sua essência. Assim, como um produto pós-feminista, *Charmed* celebra a figura da mulher convencionalmente feminina, porém poderosa.

Apesar de sonharem em casar com o homem perfeito e ter filhos, as Halliwell, como bruxas, não deixam de ser mulheres poderosas – em todos os sentidos – e são capazes de lutar pelo que acreditam e ainda perseverarem em suas vidas pessoais, buscando a realização – afinal, Prue seguiu a sua carreira dos sonhos com a fotografia, Piper finalmente consegue abrir seu restaurante na última temporada, e Phoebe conquista seu diploma de psicologia e trabalha como conselheira no jornal. Essas mulheres mostram-se assim um exemplo a ser seguido pelo público da série, pois, apesar das limitações, mostram-se heroínas em vários sentidos.

As irmãs Halliwell intercaladamente mostram-se empoderadas e subjugadas, mostrando traços da segunda fase do feminismo, como preocupar-se com a carreira e a independência da mulher, e traços do pós-feminismo, presentes na busca de um marido e filhos. A série é, desse modo, cheia de contradições e pontos de vista diferentes, mas parece conter em sua essência um quê feminista, sim, – embora este seja constantemente questionado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- CHARMED. Série televisiva. Direção: Janice Cooke-Leonard. EUA: Paramount, 1998-2006.
- HOLLOWS, Joanne. **Feminism, femininity and popular culture**. Manchester: Manchester University Press, 2000.
- KARLSEN, Carol. **The Devil in the Shape of a Woman: Witchcraft in Colonial New England**. New York: Norton, 1998.
- MILLER, Catriona. I just want to be normal again: power and gender in Charmed. In: BEELER, Stan; BEELER Karin (ed.). **Investigating Charmed: The Magic Power of TV**. London: I.B.Tauris, 2007.
- PURKISS, Diane. **The Witch in History: early modern and twentieth-century representations**. New York: Routledge, 2010.



REVISTA *LUMEN ET VIRTUS*

VOL. VIII N° 20

DEZEMBRO / 2017

ISSN 2177-2789

WELLS, Kimberly. **Screaming, flying, and laughing: magical feminism's witches in contemporary film, television, and novels.** Texas: [s.n.], 2002. Consulta online. Disponível em: <<http://repository.tamu.edu//handle/1969.1/6007>>. Acesso em: jun. 2016.

ⁱ Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
<http://lattes.cnpq.br/5968557418662653>